

## RESENHA BIBLIOGRÁFICA

**1. Referência bibliográfica:** KURZ, Robert. **O Colapso da Modernização.** Da Derrocada do Socialismo de Caserna à Crise da Economia Mundial. São Paulo, Paz e Terra, 1993.

**1.1. Tema do livro:** a lógica maximocrática do processo econômico tanto capitalista como socialista.

**1.2. Relativizações:** o livro pode ser visto como o capítulo mais recente da história do jogo triádico europeu; pode ser visto também como "introdução" às consequências da era da informática. Pode ser visto também como uma reflexão sobre a lógica maximocrática da evolução no ecossistema.

**2. Coleta de Dados (Resumo da obra):** É a análise, em 10 capítulos, do jogo entre o bloco capitalista com seu paradigma cartesiano-anglo-americano (subgrupo oficial); o bloco socialista com seu paradigma marxista-eslavo (anti-oficial); e, como oscilante, o bloco latino, meio cá, meio lá. Foi um campeonato que ocupou os dois últimos séculos, encerrado ao início dos anos 90.

O autor começa expondo seu paradigma, sua tese central, que é o movimento automático dos seres humanos para a obtenção máxima de meios de sobrevivência ou acumulação máxima de riqueza, com o mínimo de esforço, de trabalho, de perdas (dinâmica prestuária). É a lei "mini-max": o mínimo de esforço e o máximo de rendimento. Ao longo da história, os humanos desenvolveram estratégias e tecnologias cada vez melhores para maximizar a produtividade, o rendimento, e minimizar o trabalho necessário. Na revolução industrial, a estratégia adotada foi a produção de mercadorias. Aplicando o princípio mini-max, as mercadorias foram-se distanciando do seu valor de uso e transformando-se apenas em meios de captação e acumulação de mais-valia, riqueza e poder por cada vez menos países e cada vez menos grupos dentro de cada país.

Esta tese é identificada como o núcleo da obra de Marx que previu o ponto de saturação e colapso da economia e da organização social como um todo. O antídoto seria parar esse impulso automático da riqueza acumulada em dinheiro reproduzindo mais dinheiro, pela fórmula socialista a caminho do comunismo, entendido como um mundo de co-proprietários e co-governantes privados e não na forma de socialismo estatal.

Em seguida, o autor entra a examinar o socialismo real da URSS dentro dessa lógica que é a mesma do capitalismo. A única diferença seria que, enquanto o capitalismo segue a lógica mini-max através da iniciativa privada, do livre mercado, dentro do jogo da concorrência, o socialismo segue a lógica mini-max através da iniciativa estatal, do centralismo, da supressão do dinheiro, da supressão da concorrência barateadora e aperfeiçoadora da produção de mercadorias na lógica mini-max.

O autor considera que o estatismo socialista, calcado no modelo dos correios germânicos e na teoria do Estado "racional" do filósofo alemão Fichte, pode ser identificado, no início, como um empenho recuperador do atraso no desenvolvimento ou na média de produtividade, o que é o mesmo. O estatismo socialista, privado dos mecanismos de apuramento da lógica mini-max, após o êxito inicial foi-se congelando, paralisando, perdendo poder de renovação tecnológica, administrativa e de incremento de produtividade, enquanto o sistema de produção de mercadorias na variante capitalista foi subindo o nível, melhorando a tecnologia por aliança com a ciência, com isso melhorando a produtividade, resultando em maior concentração da mais-valia que, reinvestida em patamares sempre mais altos, começou por dispensar e excluir força de trabalho, empresas e países, a começar da periferia e de baixo, no cenário internacional, prosseguindo rumo ao centro e à cúpula.

Com isso, o autor diz que a luta entre a URSS e os EUA não era a luta certa, não era uma luta contra a lógica mini-max da mercadoria-pretexto para acumulação máxima e concentrada de riqueza-dinheiro. Era uma luta pelo monopólio do processo mini-max via estatal. O capitalismo também usa a via estatal, mas só esporadicamente e como estratégia auxiliar do mercado.

Acontece que a lógica do processo mini-max, que é uma lógica darwiniana, vai derrubando e deixando para trás os menos aptos, vai produzindo perdedores, no sentido periferia-centro e no sentido de baixo para cima dos níveis de vivência num âmbito qualquer. Na década de 80, os países do terceiro mundo foram os primeiros a sucumbir, com seus programas de desenvolvimento industrial interrompidos e ficando endividados. Agora foi a vez da URSS e todo o segundo mundo. A derrubada avança também nos países do primeiro mundo, por desemprego crescente, estagnação, recessão, encarecimento insuportável do processo mini-max e sua lógica, que se impõe sem que nenhuma vontade política possa refreá-lo. Nesse sentido, os ex-soviéticos perderam uma ilusão (a de melhorar sua sobrevivência via estatismo "socialista") e se lançam nos braços de outra (a economia de mercado) sem desconfiar que já perderam a corrida para o restrito clube mundial dos que ainda podem bancar o caríssimo processo mini-max que também vai chegando ao fim da olimpíada.

## **2. 1. Teses, conclusões, propostas do autor que estão no último capítulo "Superação da Crise e Utopia":**

A primeira é de revalidação do comunismo. Não o da URSS, mas como um processo privado em que a informação, a produção, a propriedade, a participação nas decisões, seja cada mais universalizado, tenha cada vez mais participantes. A segunda é que, para chegarmos a isso, é preciso desfazer-nos do iluminismo, do paradigma cartesiano, conscientizarmo-nos do processo mini-max da produção de mercadorias que é suicida, fazer a crítica do dinheiro, da riqueza e da correspondente estrutura de mercado e de Estado, para criarmos condições de repensar uma convivência em que um grupo, uma classe, uma região não precise derrotar ou ser derrotada para poder sobreviver e reproduzir-se.

Mas, na hora das propostas, o autor perde a certeza e o tom vigoroso usado até então. Nota-se que lhe falta melhor compreensão do processo cultural e lhe falta mais intimidade com as estratégias de mudança social. Mas, pelo menos, sabe o que não convém: os movimentos isolados, específicos, as reformas sociais dentro da lógica da produção mini-max de mercadorias.

## **3. Processamento**

**3.1. Método de exposição:** lógico (cérebro esquerdo) diádico, indutivo e dedutivo.

**3.2. Paradigmas:** refuta o paradigma cartesiano no seu aspeto darwiniano-capitalista, bem como o socialista estatal, usando para isso a dialética como instrumento de análise, tomando uma postura de observador extra-terrestre, "exilado" do planeta. Mas prende-se demais à Dinâmica Prestuária (é economicista) omitindo-se quanto aos avanços do conhecimento na física quântica, na dinâmica mental (tricerebral, na psicologia e na dinâmica universal (ecologia, tradições espirituais) omissão devida ao aprisionamento da dialética no século passado. Refuta o "socialismo real", mas não faz a crítica da dialética.

**3.3. Linguagem e Quadro de referência:** A junção de capitalismo e socialismo como um tema só, como protagonistas de um fim de ciclo que reduziu a vida a uma mera questão econômica, é muito original, corajosa e bem tratada estilisticamente. Infelizmente, o autor não consegue sobrepujar o economês, principalmente o economês crítico, de esquerda, embora consiga criticar os economistas de ambos os lados da batalha menor (o processo econômico) que ofusca o processo maior (o evoluir conjunto da humanidade e do ecossistema).

A crítica ao paradigma cartesiano-capitalista que ele chama iluminismo é pouco elaborada, embora faça uma refutação fulminante dele, na prática. O processo de reprodução cultural através da escola, da televisão, da igreja, etc. bem como o conceito central de todo o debate atual - o ecossistema - ficaram quase na sombra como reforçadores ou limitadores da ascensão de por si ilimitada do processo de produção de mercadorias.

## **4. Diagnóstico: Crítica (concordância e discordância) do resenhista quanto aos assuntos tratados (classificar pelos 14 subsistemas):**

Como é próprio da linguagem sócio-econômica, os subsistemas martelados são o de Produção (S09) o Patrimonial (S08) o Manutenção (S03) o Viário (S06) e o Político-Administrativo (S12). Os outros subsistemas são parte do "social" e são "mera decorrência" segundo a lógica socio-econômica. Por isso ficaram implícitos.

**5. Futurição:** previsão do destino ou carreira da obra (durará, em que ritmo se difundirá?)

O autor, por meio de sempre novos livros (Os Últimos Combates), está levando o tema adiante. Mas o tema avançará por si mesmo e com outros pensadores pois a vitória do mercado e do dinheirismo liberalóide anglo-americano está longe de ser definitiva; e a derrota da utopia socialista é apenas derrota de uma modalidade e não da necessidade de utopia e de humanismo global. O tipo de enfoque do autor não prosperará porque é quase só crítico e não inclusivista: é só antioficial.

## **6. A quem se destina e recomenda a obra em termos de Proporcionalismo e Quinta Indoamérica:**

A obra é útil para quem queira um diagnóstico planetário e esteja em busca de alternativas para o modelo maximocrático anglo-americano, que está rindo enquanto o circo (o planeta) pega fogo. Mas é preciso um pouco de cultura histórica, principalmente de 1500 para cá, para acompanhar o autor.

"É preciso sonhar uma nova utopia a partir de uma nova lógica, fora da lógica e do fetiche da mercadoria e do dinheiro, emancipando dela as necessidades e aspirações humanas (e de todo o ecossistema)". Sem essa utopia, a América Latina, a África e boa parte da Ásia, estão fora do páreo.

**6.1. Citações:** "Os passageiros do Titanic querem ficar no convés, e que a banda continue tocando. Se tivermos que viver mesmo o 'fim da história', não será um final feliz".

Resenhista: **Waldemar De Gregori**. Nov/93